

REABILITAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS



Janete Dione Faria Alves
Coimbra, Dezembro 2007

Ficha Técnica

- Título: Reabilitação de Centros Históricos
- Autora do trabalho: Janete Dione Faria Alves
- N.º Estudante: 20070902

- Imagem da capa retirada de:

<http://olhares.aeiou.pt/contemplacao/foto1526903.html>

- Trabalho realizado no âmbito da cadeira de Fontes de Informação Sociológica, do 1.º ano do curso de Sociologia leccionada pelo Doutor Paulo Peixoto.

Coimbra, Dezembro de 2007

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e, em mim, converte em choro o doce canto.
E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz, de mor espanto,
que não se muda já como soía.

Luís Vaz de Camões

Índice

1. Introdução	1
1.1 Considerações preliminares	1
1.2 Objectivos e metodologia de trabalho	3
2. Estado das artes	5
2.1 Explicitação, evolução, noção e algumas considerações sobre os centros históricos	5
2.2 Algumas considerações negativas sobre a matéria	10
2.3 Reabilitação no sentido geral e particular – (Centros históricos)	12
3. Descrição detalhada da pesquisa	15
4. Avaliação de uma página da Internet	19
5. Ficha de leitura	21
6. Conclusão	25
7. Referências Bibliográficas	27

Anexo A - Página da Internet Avaliada

Anexo B - Texto de suporte da ficha de leitura

1. Introdução

Considerações preliminares

A realização deste trabalho académico tem como objectivo principal explorar a temática – Reabilitação de Centros Históricos, no âmbito da disciplina – Fontes de Informação Sociológica.

Em virtude de esclarecer o leitor, por via de dúvida inicial, este trabalho apenas incide sobre Portugal. O objecto de estudo é os centros históricos na generalidade.

A escolha deste tema foi elaborada de forma automática, pelo facto de ter um fascínio especial por esta matéria desde a minha tenra idade, que nunca esmoreceu. O gosto pelos estilos arquitectónicos e por monumentos em ruínas que constituem um “nada” para um indivíduo comum, que apenas visualiza um “amontoar” de pedregulhos, algo sem qualquer significado, para mim um sonhar desmedido. Desde sempre quis desvendar os antepassados. Queria mais que tudo “desmontar” o estado caótico da minha mente e questionar – o porquê da exuberância espectacular vista a “olho nu” em monumentos portugueses construídos outrora e o porquê de o mesmo país da actualidade não nos defrontar com preciosidades semelhantes?! Quero dizer que no presente já não são construídas obras com semelhante magnificência. Muitas perguntas retóricas elaboradas, sempre com resposta de alguém conhecedor da matéria que insistia em “esbater” o assunto, com uma simples resposta “dura” para os ouvidos sensíveis, de quem não acredita que a actualidade não pode igualar o passado brilhante que Portugal viveu e deixou “marcas” evidentes.

Resultado de um esforço desmedido, dedicação, perdas e alguns outros dissabores mas com a gratificação de muitas “medalhas de ouro”.

Com a minha teimosia e insistência, era conduzida a uma resposta conformista, de alguém que se cansou de lutar e perdeu o rumo ao sonho, que dizia: “Os tempos mudaram...!”. No entanto, ainda há a possibilidade de manter e cultivar esta preciosidade; isto no sentido “cru” dos termos e com o modo de referir o assunto com linguagem do senso comum. A linguagem científica exigiria que me dirigisse a este assunto com palavras-chave específicas tais como – restaurar, reutilizar, revitalizar, recuperar, reconstruir, renovar, conservar e a que mais se encaixa no trabalho em questão: reabilitar.

1.2 Objectivos e metodologia de trabalho

O objectivo primordial para uma análise mais aperfeiçoada e não de forma “atabalhoada” foi esclarecer-me e situar-me nas questões de partida para, assim, prosseguir uma “viagem” com um percurso bem longo e acompanhada de alguns “espinhos” pelo caminho. “Espinhas” esses merecedores de um “obrigada” pelas aprendizagens apreendidas no decorrer do trabalho.

A minha metodologia de trabalho centrou-se na procura intensiva de livros, teses, jornais, revistas científicas e artigos em formato electrónico pesquisados na Internet. Desta forma procurei obter exactidão na execução das fulcrais referências bibliográficas.

Para tal, recorri a uma instituição científica vocacionada para a investigação na área das ciências sociais – o CES (Centro de Estudos Sociais), onde obtive material bastante qualificado e adequado para a realização do meu trabalho académico; assim como à biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, à Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, à Biblioteca Municipal da Murtosa e à Biblioteca Municipal de Ovar. Nos locais referidos extrai uma grande diversidade de fontes – procurei explorar, construir e articular adequadamente, de forma a ter um maior entendimento na matéria, assim como, uma maior solidez no trabalho final. Houve uma grande preocupação em separar os aspectos pertinentes dos acessórios, esta selecção obrigou a que tivesse que ler e reler variadíssimas fontes para que ficasse com algum “calo”, ainda que verdinho na matéria.

A complexidade do objecto em estudo implica grande empenho, dedicação e uma continuidade do seu “desvendamento”, portanto a necessidade de aprofundar o conhecimento na área em questão foi por mim assumida.

Para concluir este item, tentei seguir os princípios da coerência textual lógica: princípio de relevância, princípio da não contradição e o princípio da não redundância.

Interessa a este propósito realçar, sintetizadamente, os conteúdos/assuntos/temas que o leitor encontrará neste trabalho: Explicitação, evolução, noção e algumas considerações sobre os centros histórico; algumas considerações sobre a matéria e reabilitação no sentido geral e particular – (centros históricos).

2. Estado das artes

2.1 Explicitação, evolução, noção e algumas considerações sobre os centros históricos

Numa abordagem inicial queria referir a minha compilação/resumo e devidas citações da noção de centro histórico depois de intensivas leituras sobre a matéria.

“Segundo o vocabulário do ordenamento de território (DGOTDU, 2000), o centro histórico coincide por via de regra com o núcleo de origem do aglomerado, de onde irradiam outras áreas urbanas sedimentadas pelo tempo, conferindo assim a esta zona uma característica própria cuja delimitação deve implicar todo um conjunto de regras tendentes à sua conservação e valor.” (Gomes, 2005)

O conceito de centro histórico tem uma forte carga simbólica, relacionando-se muitas vezes com a identidade da própria cidade, acaba por se tornar um ponto de referência para o “desconhecido”.

A admiração e gosto que tenho por esta matéria fazem com que visite em atitude de turismo inúmeros Centros Históricos em Portugal, como o de Guimarães, Porto e inúmeras vezes de Coimbra. Uma simples passagem por um espaço – onde abundam ruas, praças, variados imóveis e construções com um passado extenso, prolongado e encantador, vou deambulando apaixonadamente, observando e admirando pormenores únicos e ouvindo o “bater de coração” de tudo o que me rodeia. Facto que passa ao lado da correria desenfreada do dia-a-dia de muitos indivíduos, apenas preocupados em comprar objectos acessórios ou com o “tic-tac” incomodativo e preocupante.

Não sabem eles o panorama espectacular que perdem! Tudo acaba por ter um encanto especial; os movimentos, a homofonia diversa, as fachadas, as calçadas, os pavimentos... Uma “montanha russa” de sensações.

“ ...Os centros históricos tocam no sentido em que, por trás das suas fachadas mais exuberantes, ressoam, alternam ritmos e cadências inconstantes, emitem sons, cores e odores que obrigam o investigador a escolher entre vários rumos possíveis da pesquisa e a concluir que não há um, mas sim vários centros históricos ao dobrar de cada esquina nas áreas urbanas antigas” (Peixoto, 2006)

Como é bom ver e acompanhar de perto a evolução/extensão destes Centros Históricos. Este desenvolvimento progressivo pode-se caracterizar como um crescimento natural, quase automático, em virtude de pequenas intervenções individuais e de algumas actuações do planeamento que foram adicionando e substituindo elementos.

Os centros históricos são agora vistos como um lugar onde se pode encontrar autenticidade, originalidade e uma certa qualidade de vida, que não se constata, muitas vezes, em novos espaços urbanos.

No entanto, “a expressão Centro Histórico, pelo modo acrítico e indefinido, como é usada, entrou definitivamente na linguagem do senso comum” (Peixoto, 2006). A verdade é essa, qualquer bom entendedor na matéria perceberá que a humanidade está guiada em direcção das “modas” e a verdade é que os centros históricos e o património, no sentido geral, estão na berlinda dos “dizeres” do povo.

“Os “centros históricos” constituem um elemento central de uma nova sintaxe do espaço urbano.” (Peixoto, 2006)

O centro histórico é um facto notável, uma construção a que a história atribui um determinado significado; encarna assim uma variedade de pretensões significativas, vaidades e desejos, do ponto de vista colectivo. Desta maneira, é relativamente acessível perceber a vontade da generalidade dos indivíduos, em harmonia com a vontade política dos “Demais” na sua reabilitação arquitectónica.

Contudo, tomaremos especial atenção à parte política, a qual, tantas vezes, deputados profetizam realizações futuras no âmbito de obterem uma maior consideração e adesão, aliado aos interesses políticos. Mas essa questão não me compete avaliar ou opinar.

Continuando a minha abordagem – os centros históricos adquirem por parte dos seus “amantes” – estima, louvor e dedicação.

Tendo em conta que estes conjuntos arquitectónicos fascinantes são de raiz, maioritariamente, popular dos nossos antepassados.

Os quais merecem a nossa “vénia” e glorificação, por terem construído estas maravilhas para o olhar, com tanto significado oculto que tem vindo a ser desmontado. Há uma estima especial por esse povo, não sendo qualquer exagero mitificá-lo. Esses “monumentos do povo” são portadores de uma mensagem passada, de acontecimentos históricos magníficos que merecem hoje o nosso estudo e introspecção. Há intrinsecamente aqui um carácter simbólico e um valor semântico dos centros históricos.

Como refere, Paulo Peixoto:

“...Os centros históricos são alvo de intervenções destinadas a torná-los protótipos da vida urbana e são mediatizados como lugares exemplares. Por essa via acabam por preencher a função de imagem profética de um futuro diferente para a cidade de que fazem parte, participando no desígnio maior de qualquer comunidade. Ou seja, a capacidade em criar e em manter lugares de centralidade que possam ser propostos aos locais e aos estranhos como lugares a admirar e a venerar” (Peixoto, 2006)

A humanidade tem tomado consciência de uma forma progressiva, dos invulgares valores humanos, considerando os monumentos antigos como uma “herança comum”, tomando noção da sua responsabilidade na cautela e protecção desses centros históricos.

Tudo isto para que haja uma ponte de ligação para as gerações futuras das maravilhas arquitectónicas de que somos dotados e seu contínuo trabalho e responsabilidade.

Conservar os centros históricos traduz-se, de maneira comum, em sustentar, aperfeiçoar e embelezar a imagem da cidade, transformando-a em atractiva para a visita e não esquecendo, de igual importância o seu nível de segurança.

Porque no sentido lato do termo conservar significa, “manter no seu lugar”; “preservar”; “salvar”; “guardar com cuidado”; “reter na memória”. Conservar é transformar – visto que, não se pode reconstituir algo se não o classificarmos como degradado, com necessidade de um novo uso, de nova transformação; mantendo claramente todos os princípios básicos e característicos a que essa construção foi dotada.

O centro histórico não pode ser transformado, no sentido metafórico do termo, numa “pintura de um quadro” pronto a ser pendurado numa parede estagnando no tempo. O Centro Histórico não se pode transformar num defunto, privado de vida; dotado de tristeza, melancolia e nostalgia, sim porque a meu ver os monumentos têm e ganham vida! Por isso, é importante continuar a lutar por uma cidade histórica com vivacidade, diversificada, com uma multiplicidade de usos e funções, para que se torne “rica”, abundante (...) sempre, com as memórias dos nossos queridos antepassados! Ou seja, não se pretende que a reabilitação cause um impacto artificial ao objecto que reanima.

Houve uma evolução de conceitos a qual nos permitiu compreender esta nova atitude relativamente à noção original de centros históricos.

O espaço também desfrutou de novas condições territoriais e aliado a esse facto, a consequente alteração dos modos de vida da população.

Julgo que, a reabilitação no sentido geral também intervém na vertente social, acaba por envolver vitalizações ao nível dos seres humanos, da colectividade.

O “antigo”, no sentido simples do termo, é visto actualmente como a “pedra preciosa” da cidade, existindo assim atitudes relativas à necessidade de certificar e garantir a sua conservação.

” Tão na moda que, as zonas históricas, destinadas a tornarem-se uma referência não só para a comunidade local mas também para a humanidade, são encaradas pelo marketing urbano como uma imagem de marca de um produto (a cidade) que visa vários públicos alvo.” (Peixoto, 2006)

2.2 Algumas considerações negativas sobre a matéria

Independentemente dos aspectos positivos que rodeiam a manutenção e recuperação das zonas classificadas como centros históricos, as intervenções têm tranquilizado e apaziguado as ditas “bad minds”. Explicitando a minha ideia, isto serve para resolver problemas de má consciência, ou seja, o centro histórico encontra-se lá – tudo se conserva, tudo se mantém, melhor ou pior com atitudes mais ou menos incorrectas, tornaram-se ou já eram conformistas extremas.

O centro histórico tem também algo negativo, na medida em que vai “paralisar” outros aspectos, não menos importantes, do resto da cidade.

Quero com isto, defender a extensão do conceito de centro histórico a todo o resto da cidade que o envolve, porque no fundo toda a cidade é histórica.

Uma infinidade de centros históricos já passaram por situações degradantes e infelizes, como é o caso do actual e “mediático” centro histórico do Porto que já esteve para ser demolido por duas vezes, segundo tenho conhecimento por meios do senso comum e agora reiterarei e comprovei com as minhas fontes de informação recolhidas e exploradas (Silva, 2007).

Quero ressaltar um facto para o qual fiquei estupefacta com a exploração deste trabalho – a reabilitação que se processa em centros históricos, monumentos antigos, realiza-se também em zonas relativamente recentes e que se encontram degeneradas. A meu ver um facto bastante ridículo a necessitar de um “abanão” e de uma consciencialização aprofundada sobre a matéria.

Penso que a conservação de uma cidade de modo a classificá-la como cidade histórica se deve à sobrevivência de uma estrutura urbana coerente.

Julgo que a reabilitação dos centros históricos é um pólo de atracção para muitos turistas, aqueles que desejam ver tudo freneticamente e sugar os pormenores “mais íntimos” do que visualizam, estes acabam por desfrutar de belos momentos a admirar tal esplendor e os centros históricos, efectivamente, adquirem magicamente vivacidade!

Pela análise realizada, consciencializei-me que a reabilitação envolve obviamente um primeiro pilar fundamental – “o diagnóstico”, tal como acontece na medicina para o tratamento de qualquer doença, por mais simples que seja. Este diagnóstico passa por diversas fases, num descrever simplificado, são: o estado de determinado centro histórico (por exemplo); os programas e as técnicas adequadas.

As áreas de intervenção das operações de reabilitação deverão ser estrategicamente escolhidas e criteriosamente delimitadas.

2.3 Reabilitação no sentido geral e particular – (Centros históricos)

A reabilitação urbana, no carácter geral do termo, é um conceito que emerge em grande medida como reacção às operações de renovação urbana, mais ou menos “violentas” que, após a Segunda guerra Mundial e até ao fim dos anos 60, transformava as áreas centrais de um grande número de cidades europeias.

“Os anos 80 são contemporâneos de uma outra forma de intervir na cidade. As experiências europeias de recuperação dos centros históricos das cidades (experiências que vêm, em muitos casos, já dos anos 70) irão funcionar como laboratórios de experimentação de técnicas, metodologias e problemáticas associadas à intervenção em espaços edificados e em tecidos urbanos relativamente consolidados”. (Ferreira e Craveiro, 1989)

A reabilitação é um processo demorado, complexo, vasto, alargado e participado. Hoje, por toda a Europa, tornou-se uma prática corrente. A reabilitação constitui uma política de intervenção relativamente inovadora e bastante recente, sendo os centros históricos uma questão prioritária.

A reabilitação apresenta algum desnível entre as necessidades e as possibilidades, dado que é um processo bastante dispendioso.

Há dupla opinião acerca desta temática, pelo que conseguiu explorar e apurar – afirma-se por um lado ser um processo da modernidade para tentar um “embalsamar” o passado, preservando como algo “inanimado” ou até mesmo, no sentido cruel morto. Por outro afirma-se que esta super – valorização se deve, ao facto de não termos sido capazes de igualar e produzir obras com igual magnificência, com valor suficiente para serem dignas e terem direito a serem resguardadas e preservadas.

“As práticas de reabilitação urbana configuram, acima de tudo, sentimentos antinómicos de paixão pelo passado, de desencanto pelo presente e de confiança no futuro das cidades”. (Peixoto, 2006)

A actuação ao nível da reabilitação do património deverá contribuir para: a salvaguarda da imagem urbana e rural e das heranças culturais.

Pelo que pude averiguar, constatei que os centros históricos são maioritariamente constituídos por indivíduos envelhecidos.

A reabilitação urbana é a recuperação de áreas degradadas, que são áreas consolidadas que se tornam “obsoletas” ou que nunca estiveram consolidadas, é um conceito bastante abrangente que abarca os centros históricos.

“A reabilitação urbana, corresponde a uma fórmula que se difundiu amplamente com a multiplicação das intervenções nos centros históricos e que acabou por ser convencionalizada e partilhada por aqueles que desenvolveram a sua actividade neste domínio.” (Peixoto, 2006)

Importa distinguir, os vários processos que estão ligados à valorização do património cultural construído. Visto que, deparei-me com enorme confusão inicial em distinguir os diversos conceitos, que são bastante semelhantes. Passarei a enumerá-los e descreve-los sinteticamente:

“Conservação: assegurar a manutenção sem se modificar o aspecto;

Preservação ou salvaguarda: acção preventiva, evitar a degradação e a destruição;

Reconstrução: construção conforme o original, restauro;

Recuperação: adaptar às novas condições de vida das populações, beneficiar;

Renovação urbana: demolir para construir de novo;

Restauro: complemento de partes que faltam; engloba uma avaliação estética e visual;

Reutilização: dar novo uso a espaços que perderam o seu tradicional;

Revitalização: dar nova vida, animação da função inicial, modificação da função inicial;” (Santos e Santos, 1989)

E para finalizar de uma forma mais completa:

“O termo reabilitação designa toda a série de acções empreendidas tendo em vista a recuperação e beneficiação de um edifício, tornando-o apto para o seu uso actual. O seu objectivo fundamental consiste em resolver as deficiências físicas e anomalias construtivas, ambientais e funcionais, acumuladas ao longo dos anos, procurando ao mesmo tempo uma modernização e uma beneficiação geral do imóvel sobre o qual incide – actualizando as suas instalações, equipamentos e a organização dos espaços existentes – melhorando o seu desempenho funcional e tornando esses edifícios aptos para o seu completo e actualizado re-uso”. (Gomes, 2005)

Deste modo concluo este ponto, com questões retóricas:

Será o processo de reabilitação um mero movimento de carácter social? Será a reabilitação dos centros históricos e das áreas centrais apenas uma moda? Espero, desde já, que não seja um movimento fugaz e efémero, com um fim temível e consequências arrasadoras.

3. Descrição detalhada da pesquisa

Aquando da escolha automática, como atrás referi, do tema – Reabilitação de Centros Históricos, procurei focar-me em objectivos e itens concretos. Primeiramente, fiz uma selecção com base nas minhas fontes dos aspectos a que me iria referir para que não fizesse desvios inoportunos.

Numa fase inicial recorri à Biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, onde através dos catálogos online selecionei apenas dois livros dado que tentei cingir e especificar logo de início o que realmente me interessava.

Seguidamente, numa procura desenfreada de informação recorri à Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, onde selecionei alguns manuais específicos e uma tese, material bastante interessante e útil na aplicação do meu trabalho.

Numa fase posterior, recorri ao CES (Centro de Estudos Sociais) – uma instituição científica vocacionada para a investigação na área das ciências sociais onde encontrei fontes fiáveis e concretas – revistas científicas, duas teses direccionadas para a minha temática – as quais procurei explorar ao máximo na medida do tempo que disponibilizei para essas mesmas leituras e interpretações, foi material de grande utilidade para o trabalho em curso.

Dirigi-me também, à Biblioteca Municipal da Murtosa e de Ovar onde obtive informação, algum material útil numa curtíssima parte do meu trabalho.

Numa fase final, recorri à Internet apenas como complemento da minha pesquisa. Optei principalmente pelos motores de busca – *Google* e *Yahoo*.

Iniciei a minha pesquisa no *Google* em pesquisa simples e com a expressão exacta – “Reabilitação de centros históricos”, os resultados obtidos foram 499 registos.

Quis obter uma maior especificação e eliminar páginas irrelevantes para o assunto, desta forma passei a utilizar a pesquisa avançada e dispor das oportunidades que estes motores de pesquisa nos oferecem para uma maior simplificação de trabalho e economia de tempo. Com a mesma expressão restringi a minha pesquisa apenas ao idioma de Portugal, mas os resultados obtidos foram muito semelhantes aos anteriores – apenas houve a exclusão de 5 registos, ou seja, o resultado apresentado foi de 494 registos.

Repetindo a pesquisa, ainda no *Google*, mas restringindo-a apenas a devolver páginas Web apresentadas nos últimos 3 meses, obtive apenas 4 registos. No entanto, concluí que era uma redução bastante drástica. Decidi repetir a mesma pesquisa, com a mesma expressão, mas restringindo a páginas actualizadas nos últimos 6 meses, sendo os resultados obtidos, para meu espanto apenas de 9 registos. Numa procura posterior, filtrei toda a pesquisa apenas ao formato PDF encontrando 215 registos.

Numa atitude de experimentação pesquisei então, ainda no *Google*, por <reabilitação+centros+históricos> e estupefactamente o resultado foi de 716.000 registos. Decidi adicionar um termo à pesquisa <reabilitação+centros+históricos+Portugal> onde se obteve 138.000 registos, uma redução estrondosa mas nunca eficaz.

Procurei diversificar o motor de busca que habitualmente utilizo e prossegui a minha busca de informação no *Yahoo*. Com a expressão – reabilitação de centros históricos, na pesquisa simples foram-me fornecidos 114 registos. Prossegui para a pesquisa avançada, onde decidi proceder a uma filtragem das páginas actualizadas nos últimos 3 meses (tal como tinha experimentado no *Google*), obtive 75 registos.

Ou seja, fazendo o contraponto com o motor de busca anterior – *Google*, há uma maior actualização nesta matéria no *Yahoo* nos últimos 3 meses, deixando clara a maior capacidade de pesquisa deste segundo motor de pesquisa.

Importa referir que toda a pesquisa foi elaborada no mês de Dezembro de 2007.

Finalmente utilizei: a B-On (biblioteca do conhecimento online); o site Scielo (<http://www.scielo.br>) e a Biblioteca Nacional, recorrendo aos devidos catálogos.

Para uma maior organização e armazenamento das fontes foi-me dado um conselho de um especialista na matéria, para que adicionasse ao computador de trabalho uma pasta nos “Favoritos”. Com muito agrado aceitei este conselho eficiente e adicionei a essa pasta apenas páginas Web que contribuíssem, concretamente, para o trabalho.

Perante, esta ampla e diversificada pesquisa foquei-me em todos os aspectos fulcrais e dei “asas” à imaginação e entrei na longa “viagem” que me esperava, claramente, no sentido metafórico.

A última tarefa, a que me pareceu menos relevante, foi a procura de imagens para a ilustração do trabalho. Recorri ao site *olhares*, ao qual visito infinitas vezes apenas para contemplar os meus olhos de singulares maravilhas captadas por fotógrafos profissionais. Demorei algum tempo na escolha da imagem para a capa que fosse adequada, porque todas me pareciam impróprias e muito específicas a exacerbar determinados monumentos, não sendo esse o meu real interesse. A imagem de capa, a meu ver tem um significado fortíssimo, na medida em que uma pequena menina “contempla” a maravilha que visualiza e a grandiosidade da obra. Poderiam muitos dizer, que apenas olha para algo com dimensões anormais, mas eu arriscaria e diria que no futuro, quiçá, ela será uma grande amante da nossa bela História e lutará, deste modo, para conservar estas obras magníficas que desfrutamos pelo nosso país fora. Há um certo contraponto, a meu

ver, do passado, presente e futuro. Refiro-me ao passado – tempo de construções magnânimas que se transferem para o presente e simultaneamente para o futuro, com “ajuda” de grandes profissionais que lutam pelo esforço de manter a vivacidade semelhante de outrora, fazendo projecto para uma reabilitação devidamente calculada e planificada.

Não me desviando do essencial, e em jeito de conclusão da intensiva apresentação dos principais processos e métodos de pesquisa deste trabalho – limitava-me a assinalar que a maior dificuldade, foi sem dúvida a extracção da informação acessória e a leitura intensiva de algumas fontes.

4. Avaliação de uma página da Internet

A página escolhida para a devida avaliação foi de difícil e demorada escolha. Visto que não me decidia qual a mais adequada. Percorri variadíssimas páginas, no entanto muitas com um carácter demasiado extensivo e de difícil abordagem.

Desta forma, escolhi uma página que a meu ver estava bastante clara e compreensiva para aplicar neste meu trabalho.

Optei por avaliar uma página com um carácter específico e directo em relação à minha temática <<http://franciscoeamargarida.planetaclix.pt/consult.htm>> dada a quantidade de informação que pude apurar.

Na verdade este site é constituído por investigadores, formadores, professores vocacionadas e direccionados na matéria da reabilitação.

Este site está carregado de conteúdo e informação, no qual poderemos confirmar com os muitíssimos menus a que poderemos aceder directamente. Todos eles relacionados, com a temática aqui abordada, ainda que alguns mais explicitamente que outros.

Os autores da página em questão são a Ana Margarida Portela Domingues e o José Francisco Ferreira Queiroz. Ambos especializadas em áreas como: história da arte, reabilitação de centros históricos, conservação e restauro. Apresenta ser um site bastante completo, do ponto de vista estrutural e de conteúdo. Fornece-nos uma vastíssima quantidade de informação. Goza a presença de um e-mail dos autores da página. Para acrescentar há diversidade dos aspectos positivos poderei acrescentar que contém a data da sua última actualização e uma boa organização do seu menu, que nos leva directamente à temática que pretendemos. Aspectos estes que dão credibilidade e fiabilidade à página.

No que respeita à navegação dentro da página, poderei dizer que é bastante rápida, acessível a qualquer utilizador dado que é gratuita

e muito bem organizada. Sublinho assim, o grau elevado de interesse que esta conteve para mim – dado que contém aspectos que foram de grande ajuda na elaboração do meu trabalho.

Concluindo, parece-me que esta página é bastante informativa, bem estruturado e com informação de pessoas qualificadas na matéria. Faço então uma atribuição positiva a esta página Web.

5. Ficha de leitura

Antes de mais, confesso que foi bastante complicada e demorada a escolha de um livro apropriado.

O livro escolhido para a realização da ficha de leitura é intitulado – “Urbanidade e Património” e o local onde se encontra disponível é na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. A sua editora é a IGAPHE (Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado), e o seu depósito legal é – n.º 126644/98. A cota identificadora da sua localização é 711.4 URB.

A data de publicação do manual não se encontra expressa na ficha técnica do livro. No entanto, como é composto por 11 capítulos, cada um deles com textos de autores distintos, o capítulo que deteve a minha atenção tem no final do texto a data em que foi elaborado – 17 de Maio de 1998.

O título do capítulo do livro seleccionado é o número 7 – “Panorâmica da conservação, protecção, reabilitação e requalificação em Portugal. Exemplos e temas”. O doutor José Manuel Fernandes é autor do capítulo escolhido para exploração, interpretação e consequente elaboração desta ficha de leitura.

“É licenciado em Arquitectura e doutorado em História da Arquitectura e do Urbanismo com a tese “Cidades e Casas Macaronésia”. É professor agregado em História da Arquitectura e urbanismo na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e docente do Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa. Investigador, ensaísta e crítico sobre temas de cultura arquitectónica, tem realizado estudos e levantamentos de campo sobre história, arquitectura e urbanismo em Portugal, (ilhas atlânticas incluídas) e no estrangeiro. Urbanista, tem realizado planos de intervenção, de salvaguarda e de recuperação, em equipa ou como coordenador. Projectista, tem executado e colaborado em projectos e obras de equipamento e habitação.

Comissário, membro de júri ou da organização respectiva, tem participado em diversos programas de avaliação de projectos, em concursos públicos, na atribuição de prémios e em exposições de arquitectura. Editorialista, divulgador e conferencista, tem vasta obra publicada.”

O capítulo é composto por 11 páginas e a data da sua leitura foi no passado dia 20 de Dezembro de 2007.

As palavras – chave que considero fulcrais com a sua leitura são: património arquitectónico, manutenção, preservação, recuperação, reconstrução, reintegração, reposição, restauro – conservação, reabilitação – conservação, requalificação, classificação – protecção.

No capítulo analisado foquei-me, principalmente, no ponto 2 – “... REABILITAÇÃO – INTERVENÇÃO”, visto constituir o meu real interesse, ainda que não se foque directamente nos centros históricos. O autor referido analisa e descreve o processo complexo da reabilitação e foca alguns outros, a este interligados. O autor tenta consciencializar o leitor de que os processos de reabilitação,

restauração, intervenção, entre outros igualmente importantes, são de grande complexidade e exigem um grande esforço por parte dos intervenientes. Muitas vezes, projectos conciliados com graves problemas. Há inúmeras exemplificações de actuações da DGEMN (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) tais como – o Palácio da Foz (em Lisboa); o Palácio da Fronteira, a qual foi dada especial atenção dado a sua degradação tão acentuada. Igualmente importante, se refere o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) – “ ... ao qual estão atribuídas responsabilidades sobre diversos edifícios de primeira importância do nosso quadro patrimonial ...”. Tal como, o conhecidíssimo, Convento de Santa Clara, em Coimbra, o qual constitui um projecto importante e bastante ambicioso no que diz respeito, ao restauro e conservação.

Uma nova forma de paixão pelo passado atinge a sociedade contemporânea. O património transforma-se em algo repleto de atitudes de contemplação e respeito. Para os seus verdadeiros “amantes” há um culto aparente e esforços múltiplos de salvaguarda e reabilitação. No entanto, também há negatividades expressas na mente dos especialistas, as quais constituem grandes preocupações ao nível do desconhecido futuro. Há um medo aterrador, da diluição da história nacional, constituída pelos nossos belíssimos centros históricos, património mundial.

O sector da reabilitação – intervenção “...inclui uma ampla diversidade de critérios, de doutrinas e filosofias de actuação sobre o património existente”. Há então, a intenção de qualificar e dotar, o alvo em questão, de melhores condições.

A intervenção significa “ ... introduzir algo de totalmente novo, que seja do nosso tempo, com a ideia implícita de procurar assim estabelecer um “diálogo” com o antigo, uma introdução reversível se se obedecer estritamente aos conceitos “puros” da *Carta de Veneza*, e irreversível se se optar por uma obra mais radical ou definitiva.”

A Carta de Veneza é uma Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, o artigo terceiro desta carta tem um princípio que considero de grande importância citar:

“A conservação e o restauro dos monumentos têm como objectivo salvaguardar tanto a obra de arte como as respectivas evidências históricas.”

Há um contraponto e uma ligação implícita entre o passado – tempo de construção de obras valorosas e a sua projecção na actualidade – presente e a sua transposição para o futuro, com a ajuda dos processos como a reabilitação, por exemplo.

Em jeito de conclusão, queria reforçar a ideia de que o “universo” da reabilitação e da recuperação é de extrema importância para o futuro e prolongamento da arte histórica de que o “nosso” Portugal é dotado.

São lançadas afirmações de sentido reflexivo para o leitor, passando a citar – “Mas o património arquitectónico será sempre uma área “difícil”, onde avançar bem implica uma procura de equilíbrio entre a experiência e o controle da acção!

6. Conclusão

Este trabalho académico procurou fazer uma reflexão sociológica sobre a temática – reabilitação de centros históricos.

Confesso, desde já, que a escolha do tema foi rápida e totalmente automática pelo interesse, fascínio e carinho especial que tenho sobre esta realidade, como já transmiti nas considerações preliminares deste trabalho (ponto 1.2).

Elaborei, inicialmente, um “rabisco” (poderei chamar-lhe de índice) para minha própria orientação, apenas com os tópicos principais a que me iria referir para assim, “não perder o fio à meada”, como se diria no tradicional português.

No seu decorrer, procurei transmitir, o mais pormenorizadamente aspectos principais tais como: a noção de centro histórico; a sua importância; a sua evolução ao longo do tempo; o porquê e de como os reabilitar; o contraponto entre o passado, presente e futuro; as alterações a que este conceito foi dotado ao longo do tempo e inúmeros outros tópicos com desenvolvimento igualmente relevante.

Apesar das múltiplas dificuldades que tive que ultrapassar, os tais “trilhos da viagem” considero que o esforço foi proveitoso. Dificuldades essas a níveis de selecção de fontes e estruturação devida da informação. Citaria uma metáfora do Doutor Paulo Peixoto (da introdução da sua tese) que traduz lindamente aquilo que senti: *“As teses são como as cebolas. Fazem chorar quando se cortam. Porém, esse é um esforço necessário para que a comida fique melhor ou mais temperada. Ou para que fique com mais gosto. Neste caso, o gosto prevalecente é o do autor”*. Peixoto (2006)¹

¹ Estou consciente, que esta referência bibliográfica presente no corpo do texto se encontra incompleta. Devido, ao facto, de no momento da sua transcrição, ter havido um lapso da minha parte em não apontar a página em que se encontrava esta transcrição.

Inicialmente, pensava que não iria conseguir realizar este trabalho na íntegra, dado a sua complexidade e bastante pormenorização. No entanto, pensei e lutei positivamente, o poder da mente por vezes é avassalador e conquista-se dia-a-dia com toda a dedicação possível. O poder de absorver os ensinamentos positivos é um passo para a felicidade e sucesso. Parece um parágrafo, aparentemente, despropositado mas não o é, de todo. Este trabalho ocupou a minha mente durante muitos dias, mais do que eu poderia imaginar quando o elaborei e construí "mentalmente". Somam-se aprendizagens, esforços e o poder de luta de que somos capazes quando nos apercebemos do quão importante que este trabalho irá ser. O poder da responsabilidade absorve-nos e limita-nos a não fazermos tantas outras coisas que desejávamos. Páginas em branco vão-se "enchendo" de palavras e frases feitas, pensadas ao som de músicas inspiradoras. E é assim que eu trabalho, com bom ou mau método sabe-me bem. Acabo por desfrutar de coisas magníficas, às vezes tão simples e tão espectaculares e é este o universo do conhecimento!

Em jeito de terminar o assunto, para não me alongar mais nos meus pensamentos soltos, quero referir que com a elaboração deste trabalho académico apreendi conhecimentos fundamentais, nomeadamente ao nível da aquisição de competências de pesquisa e no que diz respeito à formulação de um trabalho científico.

7. Referências Bibliográficas

7.1 Fontes Impressas

Ferreira, Vítor Matias; Craveiro, Maria Teresa (1989), "Reabilitar ou requalificar a cidade?". *Revista de estudos urbanos e regionais. Sociedade e território*, 10/11, 71-76.

Gomes, Carina Gisela Sousa (2005), "Modos de vida nas cidades e processos de reabilitação urbana. O caso da baixa", *dissertação de licenciatura em sociologia*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Peixoto, Paulo Jorge Marques (2006), "O passado ainda não começou. Funções e estatuto dos centros históricos no contexto urbano português", *Tese de doutoramento em sociologia*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Santos, Lusitano; Santos, Eurico Múrias (1989), "Reabilitação urbana na Região Centro". *Sociedade e Território*, 9, 10-21.

Silva, Hugo Manuel Pipa de Amorim Cabral (2007), "Estudo de metodologias de reabilitação urbana em zonas históricas – sociedades de reabilitação urbana", *dissertação para obtenção do grau de Mestre em Construção*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Anexo A – Página da Internet Avaliada



Anexo B – Texto de suporte da ficha de leitura

Capítulo seleccionado é o número 7 – “Panorâmica da conservação, protecção, reabilitação e requalificação em Portugal. Exemplos e temas”. Do livro *Urbanidade e Património* – do doutor José Manuel Fernandes.